



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ELLEN CARLA ALVES MARQUES

**AS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA EM UMA TURMA DE
2º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA MARIA STELLA**

Mossoró
2021

ELLEN CARLA ALVES MARQUES

**AS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA EM UMA TURMA DE
2º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA MARIA STELLA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos.

MOSSORÓ - RN

2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

M357d Marques, Ellen Carla Alves

As dificuldades na aprendizagem de gramática em uma turma de 2 ano do ensino médio da escola Maria Stella. / Ellen Carla Alves Marques. - Mossoró, 2021.

51p.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. ensino. 2. gramática normativa. 3. análise linguística. I. Santos, Antônio Felipe Aragão dos. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título

ELLEN CARLA ALVES MARQUES

**AS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA EM UMA TURMA DO
2º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA MARIA STELLA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 11/11/2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos - UERN
Orientador(a)

Prof. Dr. Edgley Freire Tavares - UERN
Examinador(a)

Prof. Me. Marcos Paulo de Azevedo - UERN
Examinador(a)

Prof. Dr. Gilson Chicon Alves - UERN
Examinador(a)

Dedico este trabalho a minha mãe e especialmente ao meu pai, meu anjo no céu, por sempre me apoiarem e incentivarem.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ser meu alicerce de forças e por toda proteção.

Agradeço em especial ao meu pai, que foi e sempre será o melhor pai do mundo, que trabalhou incansavelmente para me oferecer uma boa educação e me proporcionar as melhores oportunidades, por todo apoio e incentivo.

A minha mãe por ser a minha melhor amiga, por sempre me apoiar e me incentivar, por dar todo suporte para eu poder ingressar na faculdade.

Aos meus grandes amigos Larissa Monteiro e Mateus Jonas por toda ajuda, amizade e parceria desenvolvida ao decorrer da graduação.

Aos meus irmãos, Antônio Carlos, André Marques e Mary Amália, por todo incentivo ofertado nessa árdua jornada.

As minhas irmãs de coração, Geovanna Gabrielly e Kiara Gabrielly, por serem a felicidade da minha vida.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos, por todo suporte, paciência e dedicação.

A todos os meus amigos e amigas, especialmente a Emmanuele Nolasco e Dara Aires, que estão ao meu lado desde o primeiro período me dando apoio e passando todos os perrengues sem desanimar.

Por fim, muita gratidão à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, por me permitir usufruir dessa linda experiência que é o curso de Letras – Língua Portuguesa

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar, mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota” (Madre Teresa de Calcutá)

RESUMO

O ensino de gramática é um assunto muito discutido por diversos estudiosos, principalmente no que diz respeito ao eixo de análise linguística, isto é, o enfoque gramatical. Há diversos estudos que demonstram certa preocupação com “a natureza do ensino de Língua Portuguesa que as escolas oferecem” (NEVES, 2011, p. 17). Isto posto, esta monografia tem como área temática o ensino de língua materna, com o foco nas dificuldades apresentadas pelos alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Profa. Maria Stella Pinheiro Costa na cidade de Mossoró. A partir do tema proposto foi constituída a questão problema da pesquisa: No eixo de análise linguística no ensino de língua portuguesa, que dificuldades foram encontradas em uma turma do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Maria Stella? Em relação aos objetivos, esta pesquisa foi guiada pelo seguinte objetivo geral: investigar quais são as dificuldades na aprendizagem de gramática presentes em uma turma do 2º ano do ensino médio da escola Maria Stella e pelos referidos objetivos específicos: analisar o ensino do eixo análise linguística em uma turma de 2º ano do ensino médio; identificar e analisar os itens de análise linguística que mais geram dificuldades no ensino de língua portuguesa em uma turma de 2º ano do ensino médio; propor estratégias que contemplem as dificuldades verificadas na aprendizagem de Língua Portuguesa na turma estudada. A metodologia adotada nesse trabalho consistiu em uma pesquisa qualitativa e estudo de caso de caráter exploratório. Como referencial teórico foram utilizados os seguintes autores: Geraldí (2000); Neves (2011); Possenti (2000); Travaglia (2001). Chegamos à conclusão que os erros mais recorrentes são advindos da associação entre a língua falada a língua escrita, devido à priorização apenas da gramática normativa. Foi constatado também que os desvios de concordância nominal e verbal são mais recorrentes.

Palavras-chave: Ensino. Gramática Normativa. Análise Linguística.

ABSTRACT

Grammatics teaching is a largely discussed topic among scholars, mainly about linguistics analysis, that means, about grammatical focus. There are several studies which present some concern with "the nature of Portuguese language teaching that schools offer" (NEVES, 2011, p. 17). That being said, this research has as thematic area the native language teaching, focusing on the difficulties shown by students of the 2nd year of high school from the Public School Profa. Maria Stella Pinhero Costa, in the city of Mossoró. From the proposed theme, the research problem was constituted: Considering the linguistics analysis in Portuguese teaching, what difficulties were found in the 2nd year of high school from the public school Maria Stella? When it comes to the objectives, this research was guided by the general objective: to investigate what are the difficulties in grammatics learning present in a school class of 2nd year of high school from the school Maria Stella and by the specific objectives: analyze the teaching of linguistics analysis in a class of 2nd year of high school; identify and analyze the linguistics analysis items that create difficulties in portuguese language teaching in a class of 2nd year of high school; propose strategies that address the difficulties found in portuguese teaching in the studied class. The methodology adopted in this work consists in a qualitative and exploratory case study. For the theoretical reference the following authors were considered: Geraldi (2000); Neves (2011); Possenti (2000); Travaglia (2001), among other authors who can add to the discussion. Documents such as BNCC and PCNEM were also considered for theoretical basis. As the expected results, we can conclude the most recurrent errors arise from the association between spoken and written language, due to the prioritization only of the normative grammatics. It was also verified that deviations from nominal and verbal agreement are more recurrent.

Keywords: Teaching. Normative Grammatics. Linguistics Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Desvios de pontuação encontrados nas redações..... | 26 |
| Tabela 2 – Desvios de pronomes pessoais oblíquos encontrados nas redações..... | 29 |
| Tabela 3 – Desvios de “mas” e “mais” encontrados nas redações..... | 30 |
| Tabela 4 – Desvios de concordância nominal e verbal encontrados nas redações.... | 33 |
| Gráfico 1 – As dificuldades de gramática mais recorrentes em uma turma de 2º ano. | 35 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO..... | 15 |
| 2.1 O baixo desempenho linguístico apresentado pelos alunos do Ensino Médio..... | 15 |
| 2.2 As diretrizes apontadas pela BNCC e pelo PCNEM..... | 16 |
| 2.3 As concepções adotadas pelo professor em sala de aula | 18 |
| 3 ELABORAÇÃO DA PESQUISA: DA METODOLOGIA AOS MÉTODOS..... | 23 |
| 4 APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA: AS DIFICULDADES ENCONTRADAS EM UMA TURMA DE 2º ANO DA ESCOLA MARIA STELLA..... | 25 |
| 4.1 Pontuação: vírgula e ponto final..... | 25 |
| 4.2 Pronomes pessoais oblíquos: me e mim..... | 28 |
| 4.3 Conjunções coordenativas: mas e mais..... | 30 |
| 4.4 Concordância nominal e verbal..... | 32 |
| 4.5 As dificuldades de gramática mais recorrentes em uma turma de 2 | 36 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| ANEXOS | 41 |

1 INTRODUÇÃO

O ensino de gramática é um assunto muito discutido por diversos estudiosos, como Irandé Antunes, que afirma que esse ensino ainda tem a presença de “muitos equívocos que fortalecem os preconceitos linguísticos, que alimentam os programas irrelevantes e as práticas inadequadas de ensino” (ANTUNES, 2007, p. 21). Dado que muitos educadores ainda adotam métodos, nos quais priorizam a gramática normativa, negligenciam as demais gramáticas que devem ser postas em sala de aula.

Ao privilegiar a gramática normativa e preterir a gramática descritiva e internalizada, o professor acaba dificultando a aprendizagem do aluno, visto que as normas são muito distantes da fala real dos estudantes. Tendo isso em vista, é importante que o docente procure novos meios de integrar todas as gramáticas a fim de melhorar o entendimento dos discentes.

Diante disso, ao vivenciar a disciplina de Prática de Ensino I, que ocorre no sexto período e permite a convivência com turmas do ensino fundamental, pude perceber que grande parte dos alunos apresentavam uma maior dificuldade em conteúdos gramaticais. Após o Estágio I, há a disciplina de Prática de Ensino II que impõe a experiência com turmas do ensino médio. Ao ter a oportunidade de me relacionar com essas turmas, surgiu a ânsia de averiguar se os alunos continuavam com essa dificuldade do ensino fundamental ao médio, assim como investigar quais as complicações que os alunos enfrentavam no âmbito gramatical. Isto posto, selecionei os alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Profa. Maria Stella Pinheiro Costa, turma na qual fiquei responsável no estágio, para realizar a pesquisa.

Assim sendo, este trabalho tem como área temática o ensino de língua materna, com o foco nas dificuldades apresentadas pelos alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Profa. Maria Stella Pinheiro Costa na cidade de Mossoró. Essa temática se apresenta bastante relevante, pois ao identificar as dificuldades mais recorrentes nos alunos é possível formular propostas de intervenção para reduzir as dificuldades enfrentadas pelos discentes, não apenas nessa turma, mas também em outras.

Diante do tema proposto é constituída a questão problema da pesquisa: No eixo de análise linguística no ensino de língua portuguesa, que dificuldades podem ser encontradas em uma turma do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Maria Stella?

Para responder essa questão, definimos alguns objetivos que foram alcançados no decorrer da pesquisa. Diante disso, esta pesquisa foi guiada pelo seguinte objetivo geral: investigar quais são as dificuldades na aprendizagem de gramática presentes em uma turma do 2º ano do ensino médio da escola Maria Stella. Não somente, há também os objetivos específicos: analisar o ensino de eixo análise linguística em uma turma de 2º ano do ensino médio; identificar e analisar os itens de análise linguística que mais geram dificuldades no ensino de língua portuguesa em uma turma de 2º ano do ensino médio.

No tocante ao problema desta pesquisa, foram identificadas investigações que o tomam como escopo, como o artigo produzido por Adenilza Andrade Pereira, Fabian Silveira de Carvalho e Lícia Fabiana Sá Santos que tem como título *Gramática e o ensino de língua: as dificuldades de aprendizagem da língua portuguesa*, no qual aborda os problemas existentes no ensino da língua materna, assim como fala sobre pertinência da oralidade no ensino de Língua Portuguesa.

Perante o exposto, a pesquisa supracitada é rica em conhecimento e foi muito importante para o estudo da situação-problema desta monografia. No entanto, nosso foco nesta pesquisa é identificar que dificuldades os alunos apresentam na aprendizagem de gramática, para assim proporcionar aos professores novas estratégias de ensino para minimizar essas complicações. O tema abordado no trabalho já foi amplamente discutido, mas ao procurar pesquisas semelhantes foi possível perceber que não há pesquisas com o foco na escola Maria Stella, na cidade de Mossoró.

Isto posto, nesta pesquisa temos um capítulo introdutório, para que seja possível passar ao leitor um breve prefácio do texto. Em seguida, o tópico da fundamentação teórica, no qual são expostas as teorias que nos auxiliarão nas análises dos dados coletados. Este tópico está dividido em três subtópicos: o baixo desempenho linguístico apresentado pelos alunos do ensino médio; as diretrizes apontadas pela BNCC e pelos PCNEM; e as concepções adotadas pelo professor em sala de aula. No primeiro, expomos estudos sobre o baixo desempenho linguístico e o porquê de isso acontecer. Em seguida, no segundo tópico trazemos as diretrizes para o ensino de Língua Portuguesa presentes nos documentos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – e Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM. Por fim, abordamos sobre as concepções que organizam uma aula de português, que são as concepções de língua, linguagem, gramática e ensino.

Dando continuidade ao texto, dispomos da seção correspondente à metodologia do trabalho, na qual será exposto o tipo de pesquisa e sua classificação com base em seus objetivos. Em seguida, apresentamos como foi classificada de acordo com a coleta de dados, além de descrever como foi realizada essa coleta de dados.

Posteriormente temos a seção destinada à análise, que conta com a exposição dos desvios encontrados nas produções textuais, assim como a contagem de quais foram os mais recorrentes.

Por fim, há as considerações finais, seção destinada a uma concisa recapitulação das partes mais significativas da pesquisa, na qual vamos expressar as conclusões de todo o nosso trabalho.

2 A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO

O ensino de Língua Portuguesa é uma temática bastante debatida, sobretudo no que diz respeito ao eixo de análise linguística, notadamente no tocante ao enfoque gramatical. Há diversos estudos que demonstram certa preocupação com “a natureza do ensino de Língua Portuguesa que as escolas oferecem” (NEVES, 2011, p. 17). Isto porque ensinar gramática normativa (doravante GN) de uma forma que se torne mais fácil o entendimento do aluno ainda é um desafio, não somente para os professores, mas para a instituição escolar que até este momento visa o repasse das normas como o método mais eficaz de ensino.

Uma das principais questões sobre o ensino de português é justamente essa priorização da gramática tradicional e o modo como ela é tratada, assim como o tom das avaliações propostas na escola. Isto posto, a GN é vista, predominantemente, como a única forma correta de se falar e escrever, o que ao estudar as concepções de linguagem, língua e gramática nós podemos constatar que não é verdade.

A gramática tradicional é, na verdade, a norma culta que é exigida em ambientes mais formais e acadêmicos. É consenso entre os linguistas a necessidade de “garantir ao aluno um modo de acesso ao padrão valorizado da língua, ainda em nome do respeito à qualidade cidadã do indivíduo que se senta nos bancos escolares.” (NEVES, 2011, p.17). Como denota a citação anterior, é necessário que o aluno tenha acesso ao padrão valorizado, entretanto tendo a clareza de que se trata de um dos vários padrões que temos na Língua Portuguesa e não apenas o único.

2.1 O baixo desempenho linguístico apresentado pelos alunos do Ensino Médio

Diante de toda problemática do Ensino de Língua Portuguesa, sobretudo no ensino de gramática, podemos perceber um baixo rendimento escolar no que se refere à leitura e escrita. Conforme Geraldí (2000), esse baixo nível de desempenho linguístico demonstrado por estudantes na utilização da língua quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita tem preocupado profissionais da língua. Comprovações deste pensamento podem ser vistas em redações do ENEM; no baixo nível de leitura; na dificuldade de interpretar questões de vestibular; entre outros. Isto posto, “é necessário reconhecer um fracasso da escola e, no interior desta, do ensino

de língua portuguesa tal como vem sendo praticado na quase totalidade de nossas aulas" (GERALDI, 2000, p. 39).

O fracasso ocorre pelo motivo de o ensino de português ainda se configurar um tanto arcaico, no qual seu maior foco está no caráter prescritivo/normativo, ou seja, no repasse das regras da gramática tradicional. Dado isso, vemos que é preciso uma mudança na forma de ensinar Língua Portuguesa, porém "nada será resolvido se não mudar a concepção de língua e de ensino de língua na escola" (POSSENTI, 2000, p.32-33). A mudança necessária no método de ensino está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), assim como no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2.2 As diretrizes apontadas pela BNCC e pelo PCNEM

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM – é um conjunto de documentos que compõem a grade curricular de uma instituição educativa e foi elaborado a fim de servir como ponto de partida para o trabalho docente, norteando as atividades realizadas na sala de aula. De acordo com este documento, o ensino de Língua Portuguesa deve ter como atitudes: pesquisar, analisar, argumentar, investigar e selecionar informações de modo que “o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos” (BRASIL, 2000, p. 5). Em outras palavras, os PCNEM preveem que em uma aula de português não se focalize somente na transmissão de normas prescritas, mas, sim, que se formem cidadãos com pensamento crítico, capaz de ser inserido na sociedade.

Neste mesmo sentido, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – visa uma educação através da intertextualidade, despertando o senso crítico dos alunos a fim de formar não somente estudantes, mas cidadãos pensantes. A BNCC é um documento, homologado em 20 de dezembro de 2017, que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras tanto públicas como particulares de Educação Básica, educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, para garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes.

Nesta pesquisa vamos nos debruçar nas demandas exigidas no ensino médio, visto que o estudo se dá a partir de uma turma de 2º ano dessa fase escolar. Diante

disso, a BNCC determina ações que demandam que as instituições escolares de ensino médio “ampliem as situações nas quais os jovens aprendam a tomar e sustentar decisões, fazer escolhas e assumir posições conscientes e reflexivas, balizados pelos valores da sociedade democrática e do estado de direito” (BRASIL, 2017, p. 477).

A BNCC propõe para o ensino de Língua Portuguesa quatro eixos: leitura/escuta; produção (escrita e multissemiótica); oralidade; e análise linguística/semiótica. O último eixo diz respeito à reflexão sobre a língua, norma-padrão e sistema de escrita, ou seja, é nas aulas destinadas a esse eixo que será exposta a GN. Esse eixo abrange “os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos)” (BRASIL, 2017, p. 80). Em consideração a isso, o documento determina que as aulas devam abordar não somente a norma-padrão, com todas as suas regras, mas também levar em consideração a variedade linguística presente em sala de aula.

De acordo com a BNCC, o estudo sobre a variedade linguística deve envolver a apresentação de algumas variedades do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas, assim como avaliar os seus efeitos semânticos. Da mesma maneira que é necessário “discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico¹ que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (BRASIL, 2017, p. 83). Dessa forma, o professor esclarece que a norma padrão não é a única maneira correta de se falar e, sim, um modo que é exigido em certos ambientes, sobretudo formais e acadêmicos, sendo assim necessária a aprendizagem dela.

A respeito do ensino da gramática normativa segundo a BNCC, no eixo de análise linguística, ela é dividida em três momentos: fono-ortografia, sintaxe e morfossintaxe. Nas aulas de fono-ortografia, o professor apresenta e analisa as relações regulares e irregulares entre fonemas e grafemas na escrita, da mesma forma que expõe as possibilidades de estruturação da sílaba na escrita do português do Brasil.

¹ O Preconceito Linguístico é aquele gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentre de um mesmo idioma. É uma forma de intolerância que consiste em discriminar o sujeito pela forma como ele se comunica, oralmente ou por escrito.

Nas aulas destinadas à sintaxe, o docente primeiramente expõe e analisa as funções sintáticas (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.), a organização sintática das sentenças do português do Brasil e após isso os alunos devem relacioná-la à organização de períodos compostos (por coordenação e subordinação). Por fim, nessa área da Língua Portuguesa os alunos devem “perceber a correlação entre os fenômenos de concordância, regência e retomada (progressão temática – anáfora, catáfora) e a organização sintática das sentenças do português do Brasil” (BRASIL, 2017, p. 83).

Em conclusão, temos o último momento destinado ao ensinamento da gramática tradicional, o estudo da morfossintaxe. Nessas aulas os alunos aprendem sobre as classes de palavras, analisam suas funções sintático-semânticas nas orações, identificam o funcionamento das suas flexões (número, gênero, tempo, pessoa etc.) e correlacionam as classes de palavras com as funções sintáticas (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.). Para ensinar esses assuntos, principalmente, é necessário que o educador tenha métodos mais interativos e formas menos arcaicas de expor o conteúdo aos discentes, visto que na oralidade são muito comuns desvios de concordância e flexão das palavras, então o aluno tem uma maior dificuldade de compreender por que o correto, segundo a GN, é certa flexão ou devida concordância.

Isto posto, é justamente por conta dessas diferenças e distância entre a norma padrão e a norma utilizada na oralidade que muitas vezes os alunos não conseguem entender determinados assuntos da Língua Portuguesa, apresentando assim uma dificuldade maior em conteúdos gramaticais do que em outros assuntos. Dessa forma, o educador e a instituição escolar devem trabalhar juntos a fim de facilitar a aprendizagem dos discentes.

2.3 As concepções adotadas pelo professor em sala de aula

Para entender melhor sobre a discussão acerca do ensino de Língua Portuguesa, é importante compreendermos que para fundamentar uma aula de português é necessário adotar uma concepção de linguagem, de língua e relacioná-la com o tipo de gramática necessário, essas concepções estão inteiramente ligadas ao tipo de ensino adotado.

Elucidando os conceitos acerca das concepções de linguagem, há três: expressão do pensamento, instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação. A primeira e mais antiga delas trata a linguagem apenas como expressão do pensamento. Segundo Brakling (2002), nessa concepção, o homem retrata o mundo através da linguagem, exprimindo seu pensamento tanto de si, quanto sobre outras pessoas e sobre o mundo.

Nesta perspectiva, aquele que não se expressa bem, não pensa. Entretanto, esse "expressar-se bem" significa falar e escrever seguindo a estilística e a escrita normativa dos antigos escritores renomados. Algumas consequências de um ensino baseado nessa concepção, que podem ser citadas, são: a ideia de que a Língua Portuguesa é muito difícil, visto que é organizado em torno de um português voltado para memorização de nomenclaturas; aversão por parte do aluno ao estudo da língua, pois muitos não conseguem assimilar todas as regras da gramática normativa etc.

Essa concepção está atrelada ao conceito de língua citado por Possenti (2000), que concebe que a língua só abrange a variedade utilizada pelas pessoas cultas. Em outras palavras, as formas de falar (ou escrever) diferentes da norma padrão são consideradas erradas e não pertencentes à língua. Ambos os conceitos apresentam problemáticas, visto que a realidade do aluno não condiz com o que as concepções apresentam. O estudante tem a sua própria vivência com a linguagem e língua e isto tem que ser considerado em sala de aula.

A segunda concepção define a linguagem como instrumento de comunicação. Essa corrente, segundo Geraldi (2000, p. 41) "vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem". O ensino organizado a partir dessa concepção presume que ler é apenas entender a mensagem que o autor do texto quer emitir. Para ela, não cabe ao aluno/leitor interpretar a mensagem, e sim, procurar compreender quais as ideias do autor, pois apenas essas são corretas. Essa definição peca ao não permitir que o aluno tenha sua própria perspectiva, destinando-o apenas a compreender a ideia do autor, sem possibilidades de desenvolver sua interpretação particular, indo totalmente de encontro ao que a BNCC denota. Por sua vez, essa concepção se conecta à definição de língua que "prever sistemas coexistentes, mas não incorpora, embora trabalhe com base em enunciados da fala, as flutuações da fala." (POSSENTI, 2000, p.49).

A terceira e última concepção, concebe a linguagem como forma de interação. Acerca dessa visão, Travaglia (2001, p. 23) denota que "o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)". Ensinar Língua Portuguesa, no viés dessa linha de pensamento, configura-se bem diferente das demais, visto que o professor deve possibilitar ao seu aluno assimilar que ao escrever ou ler um texto, é preciso que este seja orientado de maneira a que más compreensões sejam evitadas. A definição de língua vinculada a essa concepção delimita que "língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterônimas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua." (POSSENTI, 2000, p. 50)

O professor que adota as últimas definições apresentadas, considera a particularidade de cada aluno e suas vivências individuais para com a linguagem e língua. Dessa forma, na aula é apresentado não somente um repasse de normas, mas uma troca de conhecimento que permite ao aluno entender a proposta da disciplina de Língua Portuguesa na escola.

Além das concepções de língua e linguagem, é necessário saber os tipos de gramática existentes. Apesar da gramática normativa prevalecer nas aulas de português, ela não é única, há também a gramática descritiva e a gramática internalizada. Vemos a seguir a definição de cada uma delas segundo Travaglia (2001):

a) gramática normativa: um conjunto de regras que tem que ser seguidas e ditam o modo pelo qual o português deve ser falado. Considera como erro tudo aquilo que se desvie da norma culta.

b) gramática descritiva: descreve os acontecimentos linguísticos de uma língua estabelecida, de maneira a não definir normas com teor de julgamento sobre o que é correto ou incorreto;

c) gramática internalizada: consiste nos conhecimentos linguísticos adquiridos ao decorrer das experiências vividas pelo falante, antes mesmo de ingressar em uma instituição de ensino. Há regras implícitas, mesmo que muitas vezes o indivíduo não tenha consciência delas.

Por fim, após o professor se familiarizar com as definições de linguagem e língua, assim como conhecer as gramáticas existentes no português, para fundamentar da melhor forma sua aula, é importante que ele adote um tipo de ensino

que vise atingir todos os alunos. Sobre os tipos de ensino, Travaglia (2001) denota três modelos:

a) ensino prescritivo: tem como objetivo fazer com que o aluno aprenda a norma culta, a fim de que este substitua de suas habilidades linguísticas existentes tudo que difere dessas regras. Configura-se como um ensino excludente, pois prega a adesão de apenas uma única forma de escrever e falar corretamente;

b) ensino descritivo: apresenta como determinada língua funciona em particular. Disserta sobre todas as variedades linguísticas, fazendo assim com que o aluno saiba atuar melhor em sociedade;

c) ensino produtivo: tem o propósito de ensinar novas habilidades linguísticas ao aluno, e não excluir as existentes a fim de substituí-las. Leva em consideração os conhecimentos linguísticos que o discente já possui, com o intuito de que ele tenha melhor desempenho em suas necessidades sociais.

Ao estudar todas as definições expostas anteriormente, podemos perceber que cada concepção está ligada a um tipo de gramática e um tipo de ensino, no qual seguem o mesmo viés. Diante disso, apesar de muitos profissionais já estarem utilizando métodos mais interativos, trabalhando com textos, que segundo Marcuschi (2008) é através deles que o ensino de língua deve dar-se, é possível captar que o ensino atual ainda tende a adotar a primeira definição de cada objeto que estudamos, aquelas definições que visam excluir as variedades e focar apenas no caráter normativo/prescritivo. Está aí toda a problemática envolvendo o ensino de Língua Portuguesa, visto que ao priorizar exclusivamente a gramática tradicional, que mais se difere da realidade do aluno, afasta não somente a atenção dele, mas diminui o seu entendimento.

Essa priorização vai contra o que está presente nos PCNEM, visto que este documento denota que

a abordagem da norma padrão deve considerar a sua representatividade, como variante linguística de determinado grupo social, e o valor atribuído a ela, no contexto das legitimações sociais. Aprende-se a valorizar determinada manifestação, porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade (BRASIL, 2000, p. 7).

Então, a norma padrão se configura como uma variante e não a única forma a ser adotada. Esse documento foi escrito no ano 2000, ou seja, no mínimo há 21 anos tem-se a discussão sobre o melhor modo de ensinar a Língua Portuguesa.

A questão não é deixar de ensinar a gramática normativa, mas, sim, incluir as demais gramáticas e não tratar a particularidade do aluno como errado. Como diz Geraldi (2000), cabe ao professor ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outras formas de falar, o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família ou grupo social. Entretanto, não compete somente ao professor, mas também à instituição escolar, visto que o professor sozinho não tem como mudar completamente o método de ensino. É necessário haver uma cooperação entre o professor, a escola e as editoras responsáveis pelos livros didáticos, apenas assim será possível realizar as modificações já presentes nos documentos norteadores, BNCC e PCNEM.

Diante de toda a problemática do ensino de Língua Portuguesa e a abordagem da gramática normativa em sala de aula, iremos nos dedicar no capítulo de análise a identificar os desvios mais recorrentes apresentados nas produções textuais de uma turma de 2º ano do ensino médio e a partir desses erros ² delinear propostas de intervenção para que não sejam repetidos.

² De acordo com a gramática normativa é considerado erro tudo aquilo que difere de suas normas.

3 ELABORAÇÃO DA PESQUISA: DA METODOLOGIA AOS MÉTODOS

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa. A respeito desta, a pesquisadora Elaine Guerra afirma que

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. (GUERRA, 2014, p.11)

Essa perspectiva é usada em síntese por estudiosos das ciências humanas, que olham o homem como um ser que não é impassível, e sim que compreende o mundo ao seu redor. Diante disso, na pesquisa qualitativa considera-se que o ser humano possui suas próprias interpretações, interações e pensamentos. Segundo Guerra (2014), há três elementos fundamentais nessa abordagem: a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; o registro de dados ou informações coletadas; e a interpretação/explicação do pesquisador.

Neste trabalho, foi estudada cada redação separadamente, considerando as particularidades de cada autor para que no final fosse possível constatar quais desvios são mais recorrentes entre elas. No que diz respeito ao registro de dados, este ocorreu por meio das produções textuais dos alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Maria Stella Pinheiro Costa na cidade de Mossoró.

Utilizamos também a abordagem quantitativa para coleta de dados, visto que foi necessário recolher os dados numéricos dos estudos propostos para que se possa compreender o resultado e atingir o objetivo do trabalho. Uma vez que esse tipo de pesquisa utiliza métodos estatísticos para quantificar pontos de vistas e informações para um estudo estipulado. Como afirma Minayo (2008, citada por Guerra, 2014, p. 10) “os métodos quantitativos têm o objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Suas investigações evidenciam a regularidade dos fenômenos.”

Tomando por base os objetivos desta pesquisa, podemos caracterizá-la como descritiva, pois tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 2002, p.42). Neste tipo de pesquisa, utilizam-se questionários, entrevistas e recolha de dados em livros e documentos para coletar os dados.

No que se refere à coleta de dados, utilizamo-nos das pesquisas bibliográfica, documental e do estudo de caso de caráter exploratório. Acerca da primeira, esta é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos.” (GIL, 2002, p.44). Nesta pesquisa foi feita uma discussão a partir dos estudiosos Luiz Carlos Travaglia (2001); Neves (2011); Sirió Possenti (2000); Geraldi (2000), com a finalidade de atingir o objetivo da pesquisa.

Em relação à pesquisa documental, esta manifesta muitas semelhanças com a pesquisa bibliográfica, porém como o mesmo nome já expressa, a pesquisa documental ocorre com base em documentos, ou seja, “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.” (GIL, 2002, p. 45). Nesta pesquisa utilizaremos os documentos da BNCC e do PCNEM, a fim de entender os resultados coletados na conclusão do trabalho.

Enquanto a pesquisa por estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2002, p. 54). No caso desse projeto, o objeto de estudo consiste nas produções textuais elaboradas pelos alunos da turma de 2º ano de ensino médio da Escola Maria Stella, na qual iremos analisar os desvios de gramática normativa mais recorrentes presente nos textos.

Então, após determinar os tipos de pesquisa que serão utilizados para realização do projeto, selecionamos as técnicas de coletas de dados. Nesta pesquisa, a coleta de dados ocorreu por meio das produções textuais solicitadas enquanto eu estava na fase de regência da disciplina Prática de Ensino II. Então, com os textos em mãos foi possível analisar e identificar os desvios da norma padrão mais apresentados. Em relação ao método adotado na pesquisa, este se refere ao indutivo, que parte do individual ao geral, visto que serão estudadas as dificuldades individualmente, com os questionários e entrevistas, para que assim se chegue ao resultado geral, as dificuldades que predominam na sala de aula.

4 APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA: AS DIFICULDADES ENCONTRADAS EM UMA TURMA DE 2º ANO DA ESCOLA MARIA STELLA

Nesta seção serão expostos os desvios de GN mais recorrentes na escrita dos alunos de uma turma de 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Maria Stella Pinheiro Costa. Para isso utilizamos quatorze produções textuais do gênero relato de memórias para analisarmos os desvios mais recorrentes e para entendermos por que eles ocorrem com essa frequência. Todas as redações estão em anexos e estão expostas conforme a digitação dos alunos. A análise tem caráter descritivo, na qual identificamos e descrevemos os desvios encontrados.

A seção está dividida em quatro subtópicos: Pontuação: vírgula e ponto final; Pronomes pessoais oblíquos: me e mim; Conjunções coordenativas: mas e mais; Concordância nominal e verbal, para que seja possível investigar cada assunto da gramática tradicional separadamente. Ao final da seção, será apresentado um gráfico informando os desvios encontrados e a determinada porcentagem de cada um.

4.1 Pontuação: vírgula e ponto final

Os sinais de pontuação são símbolos gráficos que auxiliam na coerência e na coesão³ dos textos, ou seja, eles têm influência direta no sentido das frases. Na GN existem dez sinais de pontuação, são eles: o ponto (.), a vírgula (,), o ponto e vírgula (;), os dois pontos (:), o ponto de exclamação (!), o ponto de interrogação (?), as reticências (...), as aspas (“”), os parênteses (()) e o travessão (—).

Diante de tantos sinais gráficos se torna um pouco difícil entender a função de cada um e como empregá-los em frases e textos. Isto posto, ao analisar as redações dos estudantes foi possível perceber um certo problema com o uso de pontuação, sobretudo no uso da vírgula e do ponto final. Os textos contavam com períodos muito longos e repletos de vírgulas que não se faziam necessárias.

Podemos constatar essa percepção nesse trecho retirado de uma das produções:

³A coesão é resultado da disposição e da correta utilização das palavras que propiciam a ligação entre frases, períodos e parágrafos de um texto. Enquanto a Coerência é a relação lógica das ideias de um texto que decorre da sua argumentação - resultado especialmente dos conhecimentos do transmissor da mensagem. (FERNANDES, 2019)

Eu sinto muita saudade do ano de 2019, para mim esse foi um ano fantástico, extraordinário, foi o ano que terminei o meu ensino fundamental, e o último ano que estudei com os meus melhores amigos, alguns amigos carreguei durante 9 – 10 anos outros foi menos tempo, mas parece que convivi a minha vida toda e se todos se tornaram mais que especiais outros mais que alguns, neste ano ganhamos a gincana lá da escola o que se tornou ainda mais especial, [...] (Aluno 1)

É perceptível o uso excessivo de vírgulas e o quanto esse desvio prejudica a leitura do texto, uma vez que se torna bastante cansativa. Esse desvio gramatical é bastante comum entre os alunos, visto que há muitas regras para o uso da vírgula e em grande parte essas não são passadas de modo claro ao aluno. Um modo de minimizar essa dificuldade é ensinar essas regras através de textos, como denota Marcuchi (2008). O autor referido destaca que o ensino de língua deve dar-se através de textos, o que de certa forma facilita deveras a aprendizagem do aluno, dado que o estudante vê um exemplo prático daquilo que está se ensinando.

No trecho exposto acima podemos perceber que há excesso de um sinal de pontuação e ausência de outro. Percebemos que não há um ponto final em nenhuma das frases, dessa forma o período se torna muito grande e seu sentido é prejudicado, visto que o uso demasiado de vírgulas afasta o sujeito do objeto, já que são acrescentadas muitas informações. Os alunos apresentam uma maior resistência ao uso do ponto final pois identificam que ele deve ser posto apenas em final de parágrafo ou do texto inteiro, assim produzindo períodos longos que prejudicam a coesão e coerência do texto.

Outro desvio referente ao uso de vírgulas foi percebido no trecho: “[...] pois voltaria ao normal apenas comendo coisas, frias e liquidas por um bom tempo. [...] (Aluno 2)”. A vírgula foi utilizada de forma equivocada separando o substantivo “coisas” dos adjetivos “frias e liquidas”, de modo que a frase perde o seu sentido. Enquanto no fragmento “[...] tive uma experiência. Porém, ruim. [...] (Aluno 3)”, temos a colocação do primeiro ponto final de forma equivocada pois a priori há o encerramento da ideia e após o autor a contesta, quando o mais indicado seria o uso da vírgula antes da conjunção de adversidade. Esse mesmo desvio ocorre no excerto “[...] então sempre ficava apenas no “oi”. Mas uma vez, fui visitar minha mãe [...] (Aluno 4)” e no trecho “[...] algo que com um certo tempo adquiri. Mas no início onde minha escola não tinha uma estrutura [...] (Aluno 5)”.

Diante disso, esse último desvio foi muito presente e foi possível analisar que os alunos possuem certa dificuldade não somente em utilizar a vírgula e o ponto, como

também na função das conjunções adversativas “mas” e “porém”, uma vez que elas têm como atribuição contestar a ideia que as antecede e quando há o ponto final, a ideia anterior é finalizada antes da contestação.

Em conclusão deste primeiro subtópico segue uma tabela com todos os desvios concernentes ao uso de pontuação.

Tabela 1 – Desvios de pontuação encontrados nas redações

| Desvios | Esclarecimento |
|---|---|
| Eu sinto muita saudade do ano de 2019, para mim esse foi um ano fantástico, extraordinário, foi o ano que terminei o meu ensino fundamental, e o último ano que estudei com os meus melhores amigos, [...]. | Uso excessivo de vírgulas formando um período muito longo. |
| [...] tive uma experiência. Porém, ruim. [...]. | Uso de ponto final antes de conjunção adversativa, encerrando a ideia. |
| [...] então sempre ficava apenas no “oi”. Mas uma vez, fui visitar minha mãe. [...]. | Uso de ponto final antes de conjunção adversativa, encerrando a ideia. |
| [...] e ver elas além de um órgão e uma aparência. Mas ele entente que tudo isso é muito complicado pra eles entenderem. [...]. | Uso de ponto final antes de conjunção adversativa, encerrando a ideia. |
| [...] eu estava indo para a escola na chuva, e alagou todas as ruas, e não tinha onde passar, então fui dentro das poças de água só que tirei os tênis pra não molhar, [...]. | Uso excessivo de vírgulas formando um período muito longo. |
| [...] pois voltaria ao normal apenas comendo coisas, frias e liquidas por um bom tempo. [...]. | Uso de vírgula equivocado, pois separa o substantivo “coisas” dos adjetivos “frias e liquidas.” |

| | |
|---|--|
| [...] Ele era bem pequeno e preto, passava o dia inteiro com ele, brincando e essas coisas. Mas como ele cresceu ele não poderia ficar mais dentro de casa [...]. | Uso de ponto final antes de conjunção adversativa, encerrando a ideia. |
| [...] Um dia eu e minha família, saímos para andar de bicicleta. [...] | Uso da vírgula equivocado, pois está separando o sujeito “eu e minha família” do predicado “saímos para andar de bicicleta”. |

Fonte: elaborada pelos autores.

4.2 Pronomes pessoais oblíquos: me e mim.

Os pronomes pessoais oblíquos têm como função dentro da oração se referirem às pessoas do discurso como um complemento e não como sujeito, como os pronomes pessoais retos. Eles são divididos em dois tipos: átonos (me, te, a, o, se, lhe, nos, vos, os, as, se, lhes) e tônicos (mim, ti, ele, ela, si, nós, vós, eles, elas, si). Uma das principais diferenças entre os dois tipos, como denota Fernandes (2020), é o uso obrigatório da preposição junto aos pronomes pessoais oblíquos tônicos, eles estão sempre ligados a uma preposição (com, a, de, em, para, sobre, etc.)

Em relação à função de cada tipo de pronome oblíquo, os átonos podem exercer a função de objeto direto ou indireto, como por exemplo na frase “elas o amam”. O pronome “o” está na função de objeto direto, visto que eles amam alguém. Já na oração “Entregaram-te o presente”, o pronome “te” está na função de objeto indireto, uma vez que entregam a alguém. Por sua vez, segundo Fernandes (2020) os tônicos podem desempenhar quatro funções:

- a) Complemento nominal: Muitos doces fazem mal a **mim**.
- b) Objeto indireto: Não contaria o segredo para **ti**.
- c) Objeto direto: Esqueceu os livros e a **si** na cidade.
- d) Agente da passiva: Os biscoitos foram feitos por **ela**.
- e) Adjunto adverbial: Fará os trabalhos **conosco**.

Apesar da particularidade de os pronomes tônicos serem sempre acompanhados de uma preposição, é fácil confundi-los com os átonos na hora de

escrever um texto. Este fato pode ser atribuído à oralidade, dado que os pronomes tônicos são mais comuns na fala e os alunos tendem a escrever conforme falam.

Esse tipo de desvio foi encontrado no fragmento “Mim lembro que minha mãe perguntou o motivo e todos deram risadas [...] (Aluno 6)”, no qual o mais indicado seria o uso do pronome “me”, posto que pronome oblíquo tônico não inicia frase e não é utilizado sem uma preposição. O pronome “me” também não iniciaria a frase, mas seria utilizado com ênclise, ou seja, após o verbo “lembro”.

Outro trecho em que também foi encontrado o emprego incorreto, de acordo com a gramática normativa, do pronome “mim” foi em “Se tivesse um assalto, eu iria mim esconder ali [...] (Aluno 7)”, visto que para o emprego desse pronome é necessário a utilização de uma preposição. Novamente, o adequado seria usar o pronome “me” que exerceria a função de objeto indireto, já que quem se esconde, se esconde de algo ou alguém.

É perceptível que nessa confusão entre o me e o mim, a utilização do segundo pronome é preferível. Como já mencionado anteriormente, essa preferência se dá pelo “mim” ser mais utilizado na língua oral e dessa maneira, os discentes ao escreverem a produção textual optam pelo que uso do pronome oblíquo tônico acreditando estar correto.

Portanto, é necessário que o docente esclareça que a língua falada e a língua escrita são duas coisas distintas, frisando que não há uma correta e uma incorreta, mas sim que elas são diferentes. Como exposto no site Só Português (2020), a “língua falada é mais espontânea, abrange a comunicação linguística em toda sua totalidade. Além disso, é acompanhada pelo tom de voz, algumas vezes por mímicas, incluindo-se fisionomias.”, enquanto a escrita “não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido, uma vez que não conta com o jogo fisionômico, as mímicas e o tom de voz do falante.”

É importante que o professor faça essa distinção de forma que não incentive o preconceito linguístico, uma vez que “o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários.” (BAGNO, 2007, p. 40).

A seguir temos a tabela com os desvios encontrados referentes a esse assunto gramatical:

Tabela 2 – Desvios de pronomes pessoais oblíquos encontrados nas redações

| Desvios | Esclarecimentos |
|---|---|
| Mim lembro que minha mãe perguntou o motivo e todos deram risadas [...] | Uso equivocado do pronome oblíquo tônico em início de frase e sem o acompanhamento da preposição. |
| Se tivesse um assalto, eu iria mim esconder ali [...] | Uso equivocado do pronome oblíquo sem o acompanhamento da preposição. |
| A primeira vez que mim apaixonei [...] | Uso equivocado do pronome oblíquo sem o acompanhamento da preposição. |

Fonte: elaborada pelos autores.

4.3 Conjunções coordenativas: mas e mais.

As conjunções coordenativas segundo Azevedo (2019) são elementos que usamos dentro de uma determinada oração para unir duas orações coordenadas, formando assim uma nova. Existem cinco tipos de conjunções, são elas: aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas. Neste subtópico iremos abordar as adversativas e aditivas, mais especificamente as conjunções, “mas” e “mais”.

A conjunção adversativa “mas” tem como função unir duas ou mais orações com a finalidade de indicar uma contrariedade às ideias expostas nas frases. Por sua vez, a conjunção aditiva “mais” tem como responsabilidade a união de duas ou mais orações dando uma ideia de adição a elas. Temos como exemplo as frases:

- a) Eu gosto de comer banana, mas não gosto de tomar seu suco.
- b) Letícia viajou com Joana mais sua prima.

Na primeira oração, o “mas” está exprimindo ideia de contrariedade, pois primeiramente é dito que se gosta de banana e logo após fala que não gosta do seu suco. Assim, há uma oposição e quebra de expectativa, visto que a lógica seria se gosta de banana, também gosta do seu suco. Já na segunda frase, há um sentido de adição, Letícia com Joana e com a sua prima, o termo prima está sendo adicionado a Letícia e a Joana.

As funções das duas palavras são totalmente distintas, entretanto sua grafia é bem parecida. Diante disso, ocorrem diversos erros, conforme a gramática normativa,

envolvendo o “mas” e o “mais”. Como nos segmentos “[...] eu saí todo rasgado, mais eu vi o lado bom, descobri que a bike estava com defeito [...] (Aluno 8)” e “[...] eu tinha acabado de o conhecer, mais você sabe, deixou andar na bike dele. [...] (Aluno 8)”. Os dois desvios foram encontrados na mesma produção textual, isso significa que é um erro recorrente desse aluno.

Isto posto, em ambas as orações, o autor quis dar o sentido de contrariedade, porém no lugar de utilizar o “mas”, usou o “mais”. Esse desvio também foi percebido no trecho “[...] Mais no dia seguinte ele não estava mais lá, a única coisa que sobrou foi o rabinho dele [...] (Aluno 9)”.

Diante disso, percebemos a preferência na utilização do “mais” e a exclusão do “mas” por parte desses alunos. Esse “erro” ocorre devido a gramática internalizada do aluno associar a pronúncia do “mas”, que é acrescentado o “i” quando falamos, a escrita das orações. Para corrigir esses desvios é necessário incluir as outras gramáticas, como a internalizada e a descritiva, a fim de mostrar que essa associação não está incorreta, mas que de acordo com a gramática normativa, que é a norma culta utilizada em textos acadêmicos, o mais indicado seria a escrita da palavra “mas” sem a adição do “i”.

Em síntese, esse desvio não foi excessivo e grande parte dos alunos conseguem diferenciar as duas palavras. A seguir a tabela com todos os desvios encontrados nas produções textuais:

Tabela 3 – Desvios de “mas” e “mais” encontrados nas redações

| | |
|--|---|
| [...] eu tinha acabado de o conhecer, mais você sabe, deixou andar na bike dele. [...] | Emprego equivocado do “mais”, visto que o sentido das orações é de contrariedade. |
| [...] eu saí todo rasgado, mais eu vi o lado bom, descobri que a bike estava com defeito [...] | Emprego equivocado do “mais”, visto que o sentido das orações é de contrariedade. |
| [...] Mais no dia seguinte ele não estava mais lá, a única coisa que sobrou foi o rabinho dele [...] | Emprego equivocado do “mais”, visto que o sentido das orações é de contrariedade. |
| [...] mais aí do nada vejo a garota da outra turma [...] | Emprego equivocado do “mais”, visto que o sentido das orações é de contrariedade. |

Fonte: elaborada pelos autores.

4.4 Concordância nominal e verbal.

De acordo com Fernandes (2021), concordância, tanto verbal como nominal, é a parte da gramática que estuda a conformidade estabelecida entre cada componente da oração. A concordância verbal é a que se preocupa com a relação entre o sujeito e o verbo, enquanto a nominal diz respeito à relação entre as classes de palavras. Para um melhor entendimento, veremos dois exemplos de concordância verbal e nominal:

- a) Eu e minha amiga vamos ao shopping.
- b) Essas quatro meninas são bonitas.
- c) Eu tenho dois carros.
- d) Que blusa e calça bonita! / Que blusa e calça bonitas!

No primeiro e terceiro exemplo, percebemos que há uma concordância verbal entre os sujeitos “eu e minha amiga” e “eu” com os verbos “vamos” e “tenho”. Enquanto no segundo e quarto exemplos os substantivos “meninas” e “blusa e calça” concordam com os adjetivos “bonitas” e “bonita e bonitas”. Em relação à concordância verbal, o verbo deve sempre concordar com o sujeito, isto é, se o sujeito está no singular, o verbo também deve estar. Já na concordância nominal, as classes combinam entre si com relação a número, gênero e grau.

Os desvios de concordância verbal foram os mais recorrentes nas produções textuais e seguem a mesma razão dos desvios de pronome oblíquo. É muito comum que no dia a dia as pessoas utilizem uma linguagem oral mais informal e com isso a concordância entre as palavras é um pouco esquecida. Quando chegam à escola, os discentes estão com a oralidade presente em suas mentes e no momento em que o professor expõe tantas regras de forma contínua, sem mostrá-los o porquê da importância da concordância na escrita, os alunos tendem a escrever conforme falam e ouvem.

Temos um exemplo desse tipo de desvio no trecho “Minha mãe e minha tia não estava em casa e então [...] (Aluno 10)”, a concordância se mostra equivocada, pois sempre que o sujeito é composto e vem antes do verbo, este deve estar sempre no plural. Assim também ocorre na oração “[...] crianças não chora sem motivo elas tem dores invisíveis [...] (Aluno 11)”, na qual o verbo “chorar” não concordar em número com o sujeito “crianças”, uma vez que o sujeito está no singular e o verbo está no plural.

No que diz respeito à concordância nominal, percebemos no fragmento “Os cara acha que vai ganhar fácil de nós [...] (Aluno 12)” a falta de concordância do artigo “os”, que está no plural, com o substantivo “cara”, que está no singular. É notável que essa oração tem uma conotação bastante parecida com a língua falada e que o aluno escreveu em conformidade com o modo que o próprio fala.

Observamos na oração “[...] ficarei feliz em contar sobre meus demônio [...] (Aluno 13)” a ausência da concordância do pronome possessivo “meus”, que se encontra no plural, com o substantivo “demônio”, que se encontra no singular. O mais indicado seria “demônios”, já que é mais de um, representados pelo pronome possessivo “meus”.

Os desvios de concordância além de terem sido os mais recorrentes em todas as produções analisadas, sobressaíram-se na produção textual do aluno 14, uma vez que esses desvios foram demasiados. É possível visualizar essa constatação nos fragmentos: “Chegou o dia e acordamos muito cedo para chegar em um horário bom em Natal [...]”, “No começo do caminho fui com a minha prima no carro dos pais deles [...]” e “[...] todos que nós parávamos para se hospedar estavam lotados [...]”.

No primeiro trecho temos uma ausência de concordância entre o verbo “chegar”, que se encontra no singular, com o sujeito oculto “nós”, que se encontra no plural. No segundo há um erro, conforme a GN, de concordância nominal, já que a junção da preposição de com o pronome pessoal eles, “deles”, não está concordando com o substantivo “prima”. Por fim, no terceiro há um equívoco na concordância do verbo “hospedar” e o sujeito “nós”, assim como na concordância do pronome pessoal oblíquo “se” com o pronome pessoal reto “nós”.

O ensino de concordância pode ser uma difícil tarefa, posto que é necessário passar aos alunos que a concordância deve existir entre todos os termos da oração e isso pode soar um tanto confuso aos alunos, já que eles chegam à escola com uma visão diferente de concordância. Uma ferramenta que pode facilitar o entendimento dos discentes no que diz respeito a esse assunto, é a utilização de músicas para exemplificar erros de concordância e fazer com que eles aprendam as regras referentes a esse conteúdo.

As músicas estão presentes no dia a dia da maioria das pessoas, principalmente os hits que tocam em todas as rádios várias vezes ao dia. Ao escolher

essa ferramenta para trabalhar em sala de aula, o professor chama a atenção do aluno, pois é algo que ele gosta e ouve em casa.

Temos como exemplos de músicas com erros de português: a música *Suíte 14* da dupla Henrique e Diego e Mc Guimê, na qual possui a frase “Nós dois se amando e a lua por testemunha”, nesta oração há um equívoco entre o pronome pessoal reto “nós” e o pronome pessoal oblíquo “se”; a música *As mina pira* da dupla Fernando e Sorocaba também é recheada de desvios de concordância, como na oração “As mina pira, pira/ Toma tequila/ Sobe na mesa/ Pula na piscina.”, o artigo “as” não está concordando com o resto da expressão, já que se encontra no plural e os demais termos no singular.

Essas músicas são grandes aliadas dos professores de Língua Portuguesa, pois ao levar esse tipo de material para sala de aula, despertam a curiosidade do aluno e prende sua atenção. Exemplificando, solicitar em uma aula de concordância uma atividade em que os discentes ouçam a música e tenham concentração nos desvios de concordância para que eles possam corrigir ao finalizar a escuta da canção.

Diante desse tipo de exercício, os alunos tendem a prestar mais atenção, a participarem mais das aulas e a compreenderem mais o conteúdo trabalhado, uma vez que o professor escolhe trabalhar o assunto utilizando materiais do próprio dia a dia dos alunos. Não somente música, os desvios gramaticais podem ser trabalhados com filmes, séries, jogos, vídeos.

Para finalizar o subtópico, segue a tabela com todos os desvios de concordância encontrados nos relatos de memória dos alunos de uma das turmas do 2º ano do Ensino Médio da escola Maria Stella.

Tabela 4 - Desvios de concordância nominal e verbal encontrados nas redações

| | |
|---|---|
| <p>[...] todos que nós parávamos para se hospedar estavam lotados [...]</p> | <p>Desvio tanto de concordância verbal como nominal, visto que o pronome pessoa oblíquo “se” não está concordando com o pronome pessoal reto “nós”, assim como o verbo “hospedar” não está concordando com o sujeito “nós”.</p> |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>No começo do caminho fui com a minha prima no carro dos pais deles [...]</p> | <p>Desvio de concordância nominal, pois a junção da preposição de com o pronome pessoal eles, “deles”, não está concordando com o substantivo “prima”.</p> |
| <p>Chegou o dia e acordamos muito cedo para chegar em um horário bom em Natal [...]</p> | <p>Desvio de concordância verbal, posto que o verbo “chegar” não está concordando com pronome oculto “nós”.</p> |
| <p>Me lembro de estar na cozinha e ela chegar com minha prima nos braço [...]</p> | <p>Desvio de concordância nominal, uma vez que a junção da preposição em e do artigo definido plural os, “nos”, não está concordando com o substantivo “braço”.</p> |
| <p>[...] que viam meninas com grande utilidade no lar, depois poderia se casar [...]</p> | <p>Desvio de concordância verbal, dado que o verbo “poderia” não está concordando com o sujeito “meninas”.</p> |
| <p>[...] ficarei feliz em contar sobre meus demônio [...]</p> | <p>Desvio de concordância nominal, pois o pronome possessivo “meus” não está concordando com o substantivo “demônios”.</p> |
| <p>[...] foi assim que eles aprenderam então é assim que continuamos fazendo [...]</p> | <p>Desvio de concordância verbal, devido ao verbo “continuamos” não está concordando com o sujeito “eles”.</p> |
| <p>[...] crianças não chora sem motivo elas tem dores invisíveis [...]</p> | <p>Desvio de concordância verbal, visto que o verbo “chora” não está concordando com o sujeito “crianças”.</p> |
| <p>Minha mãe e minha tia não estava em casa e então [...]</p> | <p>Desvio de concordância verbal, pois o verbo “estava” não está concordando com o sujeito composto “minha mãe e minha tia”.</p> |

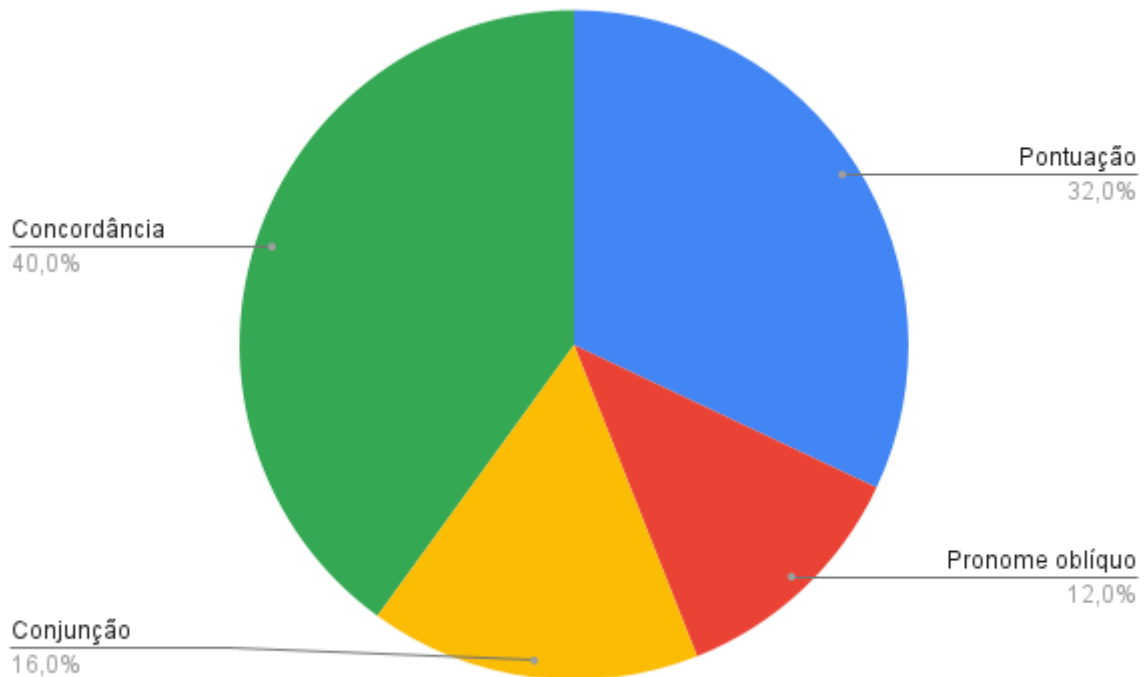
| | |
|--|--|
| Os cara acha que vai ganhar fácil de nós [...] | Desvio de concordância nominal, já que o artigo definido “os” não está concordando com o substantivo “cara”. |
|--|--|

Fonte: elaborada pelos autores.

4.5 As dificuldades de gramática mais recorrentes em uma turma de 2º ano

Como já comentado no subtópico *Concordância Nominal e Verbal*, os desvios referentes a esse assunto foram os mais recorrentes nas produções textuais, com o total de 10 desvios e 40% do total, assim mostra o gráfico abaixo. Em seguida, temos os desvios de pontuação com o total de 8 desvios e 32%; 4 desvios e 16% de conjunção e os menos recorrentes foram os erros de pronome oblíquo, com 3 desvios e 12%.

Gráfico – As dificuldades de gramática mais recorrentes em uma turma de 2º ano



Fonte: elaborada pelos autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, constatamos que os desvios gramaticais mais recorrentes são referentes ao conteúdo gramatical de concordância nominal e verbal, assim como, esses erros são advindos de uma mistura entre a língua falada e a língua escrita. Como já mencionado anteriormente, o aluno chega até a escola com um certo domínio da Língua Portuguesa, com base na variante linguística da sua família e região. Então como pondera a autora Paula (2002) “no momento em que a criança inicia o processo de aquisição da escrita é bem provável que escreva como fala, ou que apresente influências da fala na escrita.”.

Isto posto, concerne ao docente ajustar suas aulas à vivência real dos alunos e não a excluindo a fim de substituir a gramática internalizada de cada aluno pela gramática normativa exigida na escola. O papel da escola é oferecer a oportunidade de seus alunos serem inseridos na sociedade como cidadãos com pensamentos críticos, dominantes da comunicação da norma culta, mas também da norma coloquial.

É importante que a escola e o professor estejam em parceria, com a finalidade de possibilitar ao seu aluno uma nova forma de se comunicar e não com o objetivo de eliminar os conhecimentos de língua já existentes nos estudantes, para que assim o discente saiba se comunicar em vários ambientes.

Em relação a essa postura da instituição escolar, a autora Soares (1989, p.6) denota que a escola brasileira “tem-se mostrado incompetente para a educação das camadas populares, e essa incompetência, gerando o fracasso escolar, tem tido o grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas sobretudo, de legitimá-las.”.

Esse fracasso pode ser observado nos desvios identificados nesta monografia, uma vez que os alunos optam pela escrita das palavras que eles conhecem e acreditam estarem corretas. Temos exemplos disso no subtópico *Conjunções coordenativas: mas e mais*, no qual apesar da função das palavras serem completamente distintas, a grafia é muito parecida. Com isso, acabam acontecendo certas confusões entre os termos. Isso ocorre, como já mencionado no subcapítulo referido, principalmente devido à associação à pronúncia da palavra, visto que na

oralidade temos tendência a adicionar o “i” ao “mas”, então quando há dúvida acerca da escrita, o aluno inclina-se a procurar em sua gramática internalizada o correto.

Dessa forma, a escola peca quando objetiva a substituição dos conhecimentos existentes por conhecimentos da gramática normativa, já que o estudante tende a “escolher” as noções que ele já possui. Essa conduta escolar não somente dificulta a aprendizagem dos alunos, como instiga o preconceito linguístico, assim pondera Soares (1989, p.17)

[...] O uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada. (SOARES, 1989, p. 17).

É necessário haver mudanças não somente dentro da sala de aula, como nos livros didáticos e na posição da escola. É fundamental que sejam incluídas mais atividades interativas que permitam ao aluno não somente assistir à aula, mas participar e entender a sua língua materna.

Ao analisar as produções textuais foi perceptível que as aulas que dizem respeito ao eixo de análise linguística são focadas no repasse de normas, nas quais são transferidas aos alunos sem que eles entendam suas reais funções, sendo assim não atingem a todas as dúvidas que os discentes possuem.

Para uma mudança no ensino de gramática, como mencionado acima, é primordial um ensino mais interativo, acontecendo através de músicas, filmes, séries, jogos, vídeos, gincanas, métodos que além de chamar a atenção do aluno, o incentivem a aprender o conteúdo proposto.

Com a finalidade de diminuir a recorrência de erros gramáticas em sala de aula é importante também que o professor inove na metodologia de sua explicação. Como por exemplo, um jogo da memória com as funções de cada classe de palavras ou um jogo de cartas com conteúdos literários. Métodos que façam o repasse das normas da gramática de modo mais claro e menos maçante.

Portanto, com a pesquisa realizada nessa monografia compreendemos que a maior dificuldade na aprendizagem de gramática na turma de 2º ano do ensino médio da Escola Maria Stella é referente ao conteúdo de concordância nominal e verbal, e que para amenizar essa complicação é fundamental aproximar a realidade linguística do aluno à sala de aula, para que assim ele possa contribuir com seus conhecimentos e ter a vontade de adquirir novas noções de língua.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AZEVEDO, Amanda Maria. **Conjunções Coordenativas**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/conjuncoes-coordenativas>. Acesso em: 01 out 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 48ª e 49ª edição. São Paulo: Loyola, 2007.

BRAKLING, Kátia Lomba. **Língua Portuguesa. Módulo 1: O Ensino da Língua Portuguesa: linguagem, interação e participação social**. REDEENSINAR/UNIARARAS; 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio (PCNEM)**. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2000.

FERNANDES, Márcia. **Concordância Verbal e Nominal**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/concordancia-verbal-e-nominal/>. Acesso em: 01 out 2021.

FERNANDES, Márcia. **Coesão e Coerência**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/coesao-e-coerencia/>. Acesso em: 01 out 2021.

FERNANDES, Márcia. **Pronomes Oblíquos**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/pronomes-obliquos/>. Acesso em: 01 out 2021.

GERALDI, W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, W. (Org). **O texto na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000.

GIL. Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

GUERRA, Elaine. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

"**Língua falada e língua escrita**" em *Só Português*. Disponível em: <https://www.soportugues.com.br/secoes/seman/seman3.php>. Acesso em: 01 out 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de produção textual. In: **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 50-132.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso da Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Contexto.2011.

PAULA, Áquila Elisiário Silva de. **Linguagem e escrita:** a influência da fala e do meio social na utilização da variedade padrão em textos escritos. 2002. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/linguagem-escrita-influencia-fala-meio-social-na-utilizacao.htm>. Acesso em: 01 out 2021.

POSSENTI, S. Gramática e Política. In: GERALDI, W. (Org). **O texto na sala de aula.** 3 ed. São Paulo: Ática, 2000.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola:** uma perspectiva social. 7 ed. São Paulo: Ática, 1989.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática 1° e 2° graus. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – REDAÇÃO 1

Em 2014, estava eu e minha família, na casa da minha avó e conversa vai e conversa vem, decidimos viajar à Natal. Passando os dias eu particularmente estava muito ansiosa e animada para chegar o grande dia da viagem. Chegou o dia e acordamos muito cedo para chegar em um horário bom em Natal. No começo do caminho fui com a minha prima no carro dos pais deles, e no caminho fomos brincando de Barbie e escutando música, e no final do trajeto eu voltei pro carro dos meus pais e não dormi a viagem toda. Chegando em Natal eu estava muito animada para conhecer a cidade... Só que não sabia o que ia acontecer logo após isso.

Não tínhamos reservado quartos em nenhum hotel, assim que chegamos em Natal fomos procurar algum para ficarmos. No entanto, todos que parávamos para se hospedar estavam lotados e não tinham quartos disponíveis, rodamos por muitas horas até que achamos um que por sinal tinha quartos disponíveis, ficamos aliviados, pois estávamos exaustos, só que tinha um detalhe, o hotel era em frente a um cemitério. Não "ligamos" pois não tinha outro lugar para ficarmos e nós fizemos até piada com a situação: "os fantasmas vão aparecer aqui de noite, temos que ter cuidado", (se fosse hoje em dia, não teria brincado com isso não viu...). Colocamos nossas malas nos quartos e nos arrumamos para ir ao shopping. Chegando lá eu estava super admirada com tamanho do lugar e das lojas (já que o de lá é 10x maior que o daqui de Mossoró), ficamos muito tempo lá comendo, vendo as lojas, conhecendo mais o lugar, registrando momentos... E voltamos para o hotel bem tarde, estávamos exaustos com dia longo e nos arrumamos para dormir (até aí tudo bem). De madrugada umas 3:00 horas da manhã eu e meus pais escutamos um barulho o nos acordamos com o mesmo, escutamos de novo e parecia muito uma "pessoa" falando: "uuuuu" (som do barulho), nós pensávamos que estávamos doidos, e quando saímos do quarto vimos que mais pessoas também hospedadas no hotel ouviram o barulho, e todos estavam falando: "é um fantasma!". Lembro que eu estava muito assustada e o pessoal que estava lá também, ainda mais com um cemitério em frente, o barulho parou e voltamos a dormir (quase que eu não conseguia mais).

No outro dia acordamos relembrando da noite passada e rindo da situação. Com isso, saímos do hotel mal assombrado (nome carinhoso dado por mim) e fomos para outro. Até hoje não sei se foi realmente um fantasma ou se foi alguém fazendo esse barulho, mas quando eu lembro dessa situação toda eu começo a rir, e sinto muitas saudades dessa época, foi um momento muito engraçado, viveria tudo de novo (mas sem a parte dos fantasmas hahahah).

ANEXO B – REDAÇÃO 2

Por onde eu começo? Acho que pelo pouco início que me lembro é uma pequena parte de uma história na qual envolve muitas complicações, só os fortes leitores podem lidar com esse drama desde que me lembro sempre fui fadado a lidar com essas questões desde muito novo um jovem que não tinha culpa de nada do que estava acontecendo em sua vida, desde muito novo teve que lidar com o fato de ter passado por muitos lares adotivos, sem que ele ao menos completasse 1 ano de vida já estava passando de mão e mão, ficou na casa de sua tia pois sua mãe era muito nova, eu não sei ao certo o que se passava na cabeça dela para não querer esse pequeno ser, talvez fosse o fato de ser muito nova, talvez o fato de não ter apoio, talvez o fato de novamente está com outra criança no seu colo, ela estava com dois filhos e era muito jovem. Não sei de fato o que realmente fez ela tomar a decisão de me deixar em mãos de desconhecidos, mas acho que tentou pensar no que era melhor, pais... Eles sempre tentam fazer algo pensando no melhor pra se fazer naquele momento, mas acabou que eu vim parar em um lar onde recebi bastante amor no início, todos achavam que eu era uma menina, olhando da perspectiva deles eram pessoas que viam meninas com grande utilidade no lar, depois poderia se casar, ter filhos, construir sua família, ajudar nas tarefas domésticas sem reclamar, “mulheres são mais fáceis de se educar para receber ordens”. Talvez eles não tenham pensado nada disso mas olhando pra suas criações era isso que se passava em suas pequenas cabeças, um teto pra dormir, uma comida para seu corpo te sustentar e pronto a criança estaria feliz, bater para educar sempre foi uma opção, foi assim que eles aprenderam então é assim que continuamos fazendo, não tivemos ninguém que quisesse dar tempo para nos ouvir, tentar “perder seu tempo” realmente cuidado e zelado do filho. Não tinha razão ou motivos para fazer diferente, educaram a base do

espancamento era o único meio que eles conheciam, faziam com animais e pessoas. Esse jovem aqui que vós fala sempre teve problemas, sempre quis o que ele tinha aprendido que era amor, sabe aqueles pais que ouvem, tentam saber o que se passa com seus filhos, que abraça na hora do choro, ele só queria colo, mas acabou encontrando a mão que bate, a mangueira que não espera ele terminar, o cinturão que deixava ele roxo e a mão que arremessou sua cabeça no pilar por tanto desconto de quem ele estava se tornando. Ele só pensou no amor, mas conheceu métodos bruscos pra lidar com o que era diferente, crianças não chora sem motivo elas tem dores invisíveis, não Ignorem suas dores, você já foi criança um dia, foi adolescente, até finalmente chegar na sua fase adulta. O mais estranho é que essa criança tenta desde muito novo dar orgulho a esses pais talvez assim eles o ouvissem, ele queria de toda forma ver um meio se conseguir agradar eles, até que... eles pediram algo impossível de se fazer, mas mesmo assim ele tentou fazer isso, tentou ser mulher, mesmo isso o fazendo infeliz, ele passou 16 anos de sua vida vivendo um papel para fazer eles serem felizes, mas quando chegou perto dos seus 17 ele não conseguiu mais, o fingimento estava consumindo ele, ele começou a lidar com um corpo que ele não gostava para que eles ficassem bem, ele se dou de todas as formas possíveis, mas não aguentou mais. Sua mãe já sabia de tudo, ela soube até mesmo antes que ele tivesse total consciência de si mesmo, mas ela acabou partindo antes mesmo que ele podesse falar pra ela qual era seu nome, foi mais um episódio infeliz em sua vida. Devido a todos esse caos a única coisa que ele pensou foi em por um fim a toda a sua dor, sabia que não agradaria nunca seus pais, já mais seria visto como motivo de orgulho, então para quê mesmo continuar nesse mundo? Sua avó que ele amava tanto e ela foi a única que tinha visto sua essência partiu, então qual a razão de estar aqui ainda? Agradar pais que já mais vão ver a boa pessoa que ele tem tentado ser todos os dias, eles nunca vão ver isso, vão passar toda a sua vida achando que seu filho é apenas uma mulher lésbica. Eles não entendem um filho que apenas não tem um genital visto como o "normal" e que na verdade seu filho nem gosta tanto assim de mulher, seu filho apenas ama uma, mas ele gosta das pessoas, não importa se é um homem, não importa se é uma mulher, não importa nem com o que esse homem ou mulher carrega entre suas pernas, ele apenas gosta das pessoas e ver elas além de um órgão e uma aparência. Mas ele entente que tudo isso é muito complicado pra eles entenderem, mas tudo que ele queria era que seus pais tivessem participado de tudo isso, dado um nome a ele, ele implorou pra que sua mãe desse um nome a ele

como ela não quis ele teve que pedir ajuda a amigos e sua namorada, então finalmente ele conseguiu ser ele mesmo. Ainda com desaprovação, ainda com todos pensando que tudo que ele é não passa de uma mulher. Bom sobre seus pais, ele ainda tem tentado apenas ver o lado deles e tentando não julgar, as vezes é difícil pois eles invalidam sua história todos os dias, mas ele ainda busca o orgulho deles mesmo sabendo que nunca vai ter. Mas temos um pequeno lado bom nessa história, suas primas, elas compreendem ele, uma ajuda ele com seu tratamento hormonal e a outra tenta entender como que deve ser duro pra ele lidar com todas essas transições, elas também foram deixadas de lado pela família.

ANEXO C – REDAÇÃO 3

Não consigo me lembrar de alguma memória diferente ou interessante, mas irei contar a primeira que veio à minha mente. Eu tinha por volta dos $\frac{7}{8}$ anos, como sempre gostei de animais resolvi pedir um coelho para minha mãe, e assim foi feito. Ele era bem pequeno e preto, passava o dia inteiro com ele, brincando e essas coisas. Mas como ele cresceu ele não poderia ficar mais dentro de casa, então aproveitamos uma gaiola que tínhamos (era grande) e colocamos ele lá dentro (apenas durante a noite). Mas no dia seguinte ele não estava mais lá, a única coisa que sobrou foi o rabinho dele kkkk, mais tarde descobrimos que o cachorro da minha avó havia comido ele. Depois disso nunca mais criei um coelho na vida, trauma, talvez?

ANEXO D – REDAÇÃO 4

Eu era muito pequeno, e sempre tem aquela fase de gostar de uma garota, aquela paixão passageira. Onde eu estudava era duas turmas do 4º ano e eu gostava de uma menina da outra turma, nós nunca conversamos muito e eu era muito mole, então sempre ficava apenas no "oi". Mas uma vez, fui visitar minha mãe, ela tinha se mudado a pouco tempo, eu não conhecia o bairro então não saía de casa, mais aí do nada vejo a garota da outra turma passando na minha rua e fiquei observando para saber onde ela morava e adivinha... ela morava na mesma rua da minha mãe! Então eu pensei, tenho que fazer alguma coisa para impressionar ela, no outro dia, eu estava andando na bike de um amigo, eu tinha acabado de o conhecer, mais você sabe, deixou andar na bike dele, já é amigo. Enfim, eu tinha que impressionar a garota, então eu pensei em andar de bike na maior velocidade passando em frente a casa

dela, então eu fui, peguei a bike do meu amigo e saí na maior velocidade possível, mas tinha um problema, esqueci de perguntar se a bike estava com algum problema, na metade do caminho a corrente caíu, o guidom da bike entortou, eu capotei, e o plano foi por água abaixo. Como o plano de impressionar a garota falhou e eu saí todo rasgado, mais eu vi o lado bom, descobri que a bike estava com defeito, alguns problemas já tinham os outros eu acrescentei depois da queda, foi uma noite longa para dormir, não conseguia nem dobrar o joelho, depois desse dia eu aprendi que é sempre bom perguntar se a bike tem algum problema.

ANEXO E – REDAÇÃO 5

Eu sinto muita saudade do ano de 2019, para mim esse foi um ano fantástico, extraordinário, foi o ano que terminei o meu ensino fundamental, e o último ano que estudei com os meus melhores amigos, alguns amigos carreguei durante 9 – 10 anos outros foi menos tempo, mas parece que convivi a minha vida toda e se todos se tornaram mais que especiais outros mais que alguns, neste ano ganhamos a gincana lá da escola o que se tornou ainda mais especial, pelo fato que essa gincana serviu bastante para nos unir, embora as brigas, não paramos de ser unidos. Neste ano também foi um dos melhores anos na igreja onde me congrego, sinto saudades dos retiro, dos congressos onde saímos da cidade primeiramente para adorar a Deus, podemos se consagrar cada vez mais e aprender cada vez mais da palavra dEle, mais também era o momento que reunião todos os jovens e isso era muito bom, aquela aglomeração superava qualquer outra coisa, as gincanas, as conversas, tudo era bom. Esse ano também foi um ano muito vitorioso para o Mengão kkkkkk, isso foi mais um dos vários motivos que proporcionou esse ano fantástico que foi 2019. Hoje tenho momentos incríveis, mas nenhum se compara com aquele ano, lógico hoje com tudo que estamos presenciando no mundo se torna muito difícil.

ANEXO F – REDAÇÃO 6

Tudo começou em 2008, eu estava em minha casa, eu era apenas uma criança, eu não fazia a mínima ideia da gravidade da situação, que aconteceu naquela noite.

Era 22:00 horas da noite dia uma sexta feira, meus pais me deixaram dormindo e saíram, só que naquela noite, algo me acordou, até aquele momento eu não sabia reagente o'que era medo, mas... ao ver o que tinha me acordado, nunca mais

consegui esquecer, mas também, como posso esquecer o pior mento da minha vida, desde aquele dia, nada mais foi normal para mim, a cada dia mais eu só piorava, até eu ouvir falar sobre o dom da mediunidade.

Após saber que eu tinha um dom, isso me fez querer saber mais e mais, no começo foi bom, eu aprendia com facilidade, mas o'que eu não sabia... era que quanto mais eu soubesse, mais perigoso eu me tornava,para aqueles que ficavam na escuridão me observando, para eles... eu estar aprendendo como ser mais forte, era algo horrível, então eles começaram a me perseguir, mas eu não era mais uma criança indefesa.

Quanto mais eles me desafiavam, mais forte eu ficava, eu ria deles porque nem um era capaz de me deter, até aparecer um que conseguia, o ser mais poderoso de outro mundo, eu a chamo, de, mulher do capuz. Má, arrepiante, um ser horrível, não pode nunca olhar para seu rosto se não estiver preparado, hoje, consigo conviver com isso tudo, mas às vezes, seus sussurros me deixam com frio de medo.

OBS: Quiserem saber mais sobre isso, ficarei feliz em contar sobre meus demônio.

ANEXO G – REDAÇÃO 7

Talvez seja difícil dizer o motivo pela qual eu já tenha vivido tantas loucuras. E mais difícil ainda dá uma resposta cética. E há várias situações que evidenciam essas arfirmativas,esses dias lembrei-me de uma bem tensa.

Eu já acordei naquela manhã com uma sensação torturante. Lembro de ter senhado com o que iria acontecer. E a atitude de mainha de orar por mim e minha irmã antes de ir à escola, só intensificou a verdadeira tensão.

Indo a escola,logo na entrada vimos alunos também tensos. Falamos que poderiam estar assim, porque era dia de prova. Mas na hora do lanche, descobrimos que estávamos tensos pelo mesmo motivo.

Após o lanche retornamos as salas,juntos aos respectivos professores. No momento que sentei na minha cadeira falei o que tinha sonhado,eu falei:

— Se tivesse um assalto,eu iria mim esconder ali!

Rimos,eu e meu amigo que escutou. Pois era pequeno o espaço demais.

O professor presente,se direcionou a porta para chamar atenção das alunas que ainda estavam em pé.

Ao chamar elas, logo escutou o motivo da atitude delas. Ouvimos todos, um disparo e uma avalanche de aluno logo pulou a janela e o professor também. Na minha vez, restaram três alunos, mas mesmo assim fui empurrada.

Desespero. Era o que abundava no ambiente. Juntos, dentro da escola uma multidão esperava abrir os portões, foi diminuindo conforme iam pulando o portão. Eu não consegui, então tive que esperar a poeira baixar para sair.

Chorei lembrando da minha irmã que estava em perigo nesse dia! E minha irmã, diferente de mim, contou após o ocorrido, que respondia " — Que Deus o tenha!" Para quem perguntasse sobre mim.

Foi um dia bem tenso, além de como tudo na minha vida, bem louco. Graças a Deus não houve mortes e saí inteira! Só minha calça que não... Ela rasgou, abaixo do joelho. Mim lembro que minha mãe perguntou o motivo e todos deram risadas quando disse que foi só porquê eu pulei a janela! Mas tudo passa, nem que seja por cima de você.

ANEXO H – REDAÇÃO 8

Vou falar sobre algo que marcou bastante minha adolescência, os jogos escolares, sempre gostei de jogar, seja futebol ou futsal, e na adolescência foi onde eu consegui começar a jogar, pois era obrigatório ter uma certa idade.

Quando comecei a jogar eu era muito novo, contudo isso certamente era sem experiência também, algo que com um certo tempo adquiri. Mas no início onde minha escola não tinha uma estrutura que seria o adequado para treinarmos e se preparar para os jogos, nós juntamente com o professor de educação física, superamos todas adversidades e treinamos para poder jogar.

Logo no primeiro jogo meu time perdeu, com um placar bastante vergonhoso de certa forma, mas para futsal nem tanto, logo caímos cedo nesse campeonato, voltamos a treinar, logo no outro campeonato conseguimos ir mais longe.

Com o passar do tempo tanto eu como meus companheiros/amigos, adquirimos bastante experiência, onde entrávamos em quadra tranquilos, sem medo, onde conseguimos chegar em várias etapas eliminatórias.

O fato disso ter marcado bastante a minha adolescência, foi por conseguir jogar bem mesmo com todas dificuldades, o professor até falava quando íamos bem contra grandes escolas, ele dizia: "Os cara acha que vai ganhar fácil de nós porque somos uma escola menor, mas mostramos que podemos ganhar ", mesmo perdendo as vezes ele ficava contente pois sabia que todos tinham se esforçado ao máximo.

ANEXO I – REDAÇÃO 9

Meu relato é sobre parte da minha infância. Essa é, talvez, a memória mais viva e antiga de que me lembro. Eu tinha por volta dos quatro a cinco anos e me lembro que uma tarde, minha tia voltou da maternidade com a filha dela que acabara de nascer. Me lembro de estar na cozinha e ela chegar com minha prima nos braços, de perguntar se eu queria segurá-la mas eu tinha medo de derrubar ela não chão. Hoje em dia eu e essa minha prima vivemos praticamente colados um no outro, quase como irmão, eu diria(apesar de que ela me faz passar muito estresse)

ANEXO J – REDAÇÃO 10

A primeira vez que mim apaixonei, se é que posso chamar assim, tinha 14 anos e foi um dos sentimentos mais confusos que já senti, era uma mistura de medo, confusão e felicidade. Eu não sabia o que fazer com tal sentimento que crescia cada vez mais, a pessoa em questão era um dos meus melhores amigos e conversamos sobre tudo, principalmente de quem gostávamos, só que ele não sabia o que eu sentia por ele e a pessoa por outro lado era apaixonado por outra garota. Quando percebi que estava começando a gostar dele, tentei reprimir o máximo que pude só que obviamente era em vão, talvez eu só tenha acabado gostando mais ainda da pessoa por isso. Então depois de um tempo tentando reprimir acabei me entendendo comigo mesma e comecei apenas me deixar levar pelo sentimento, mesmo sabendo que a pessoa não sentia o mesmo por mim. Acabou resultando que quebrei meu coração e a pessoa começou a namorar com a garota por quem era apaixonado, por um lado fiquei triste quando soube que eles estavam namorando e por outro lado fiquei feliz que meu melhor amigo estava encontrando a felicidade, mesmo que não fosse comigo. Depois de um tempo nos afastamos pois ele trocou de escola, acabei descobrindo que ele terminou com a garota por que ela estava traindo ele. Hoje em dia não somos mais próximos mas ainda penso diariamente nele e no quanto me magoei por ter me apaixonado por ele, me obrigo a não procurar ele todas as vezes que minha mente lembra do quanto ele me fazia feliz só por ser ele mesmo.

ANEXO K – REDAÇÃO 11

Bom primeiramente eu não me lembro muito sobre muitas memórias que aconteceram na minha infância. Mas teve uma coisa que marcou muito a minha infância que na verdade é bem traumática. Na verdade foi de um pequeno “acidente” que aconteceu comigo, na escola. Eu estava na segunda série do ensino fundamental, lembro que a minha turma era muito bagunceira e também muito barulhenta. Mas tinha duas pessoas da turma que eram tipo “ as piores”, em questão de comportamento. Teve um certo dia que eles estavam correndo na sala (não sei porque, pois a sala era muito pequena), e eu estava no meu canto, e teve uma hora que a professora me chamou para passar o visto na atividade. Eu me levantei com o meu livro e o com o lápis na mão , não sei o porquê eu fiz isso mas, eu coloquei o lápis na minha boca com a ponta pra dentro, no que eu coloquei veio um desses alunos que estavam correndo e sem querer bateu no meu braço, no que bateu a ponta do lápis rasgou o céu da minha boca (até hoje eu tenho uma cicatriz enorme), na hora não senti dor , mas quando fui beber água eu senti um dor insuportável, eu comecei a chorar bastante e pedi para a professora ligar para minha mãe, ela não quis pois faltava cinco minutos para a aula acabar. A dor era tão grande que passei o resto da aula sem tomar água e sem falar pois se eu fizesse isso a dor ia continuar. Quando a aula acabou e minha professora contou sobre o ocorrido, meus pais me levaram para a UPA. Chegando lá eu fiquei esperando por um bom tempo, pois tinham muitos pacientes, e isso tudo eu ainda não conseguia beber água e falar com os meus pais, para dizer o que realmente aconteceu. Entrando na sala do médico ele examinou o ferimento e disse que o meu céu da boca estava aberto. Minha mãe na hora ficou muito desesperada , mas o médico acalmou ela e disse que estava tudo bem, pois voltaria ao normal apenas comendo coisas, frias e líquidas por um bom tempo. Na verdade nessa parte eu não achei ruim pois quase todo dia eu tomava sorvete. Depois de um bom tempo o meu céu da boca voltou ao normal, mas eu tenho uma cicatriz enorme ainda.

ANEXO L – REDAÇÃO 12

Lembro bem que durante a minha adolescência, tive uma experiência. Porém, ruim. Pude viver e presenciar um caso de violência, fui assalto infelizmente pela primeira vez. Um certo dia que não lembro a data, estava indo de bicicleta para o local de trabalho do meu pai, e de longe pude observar um homem com um pano cobrindo o rosto, mas não achei que fosse alguém que iria fazer algo maldoso, pois perto de onde morava, estava sendo realizada algumas construções, portanto, achei que deveria ser algum trabalhador das obras, mas não foi nada disso que estava pensando, chegando perto ele me para colocando as mãos sobre a bicicleta e me pede pra descer, eu sem nenhuma reação desço dela. Até um pessoal que morava do outro lado, que me viu passando com a bicicleta e voltei sem ela, me perguntaram o que havia acontecido e não consegui responder. Enfim, fui até a delegacia realizar o boletim de ocorrência, mas de nada adiantou.

ANEXO M – REDAÇÃO 13

Quando eu ainda era criança, estava tudo calmo em casa e claro, decidi fazer uma brincadeira. Minha mãe e minha tia não estava em casa e então, só estava meus avós e eu, meu avô assistindo televisão na sala e minha Vó fazendo a janta.

Eu queria somente assustar minha Vó, então decidi me esconder atrás da porta do quarto e esperar ela sentir minha falta, coisa que não demorou muito a acontecer. Quando ela chamou meu nome, eu iria sair detrás da porta e fazer um “páh”, mas na hora eu achei melhor ficar mais tempo ali, mainha então começou a ficar preocupada e foi me procurar pela casa gritando alto o meu nome, como não me achou, foi procurar na rua e ver se eu estava na casa de alguma vizinha, procura sem sucesso, pois eu estava linda e maravilhosa atrás da porta.

Eu estava rindo de tudo isso, porém, quando mainha voltou para casa eu percebi que ela já estava desesperada e passando mal, algumas vizinhas vieram com ela e estavam tentando acalma-lá. Já não estava gostando mais daquela brincadeira, pois a brincadeira não era pra tomar esse rumo, mas continuei firme atrás da porta, preocupada, porém firme e forte.

Como tudo na Vida a gente colhe e planta, plantei uma brincadeira e colhi lágrimas de uma bebê inocente. Minha mãe chegou em casa e viu todo aquele tumulto das vizinhas em casa e minha Vó passando mal e eu comecei a ficar com medo, porque com mãe é diferente, né? As vizinhas explicaram o que estava acontecendo e minha mãe obviamente ficou preocupada, até eu sair detrás da porta e falar: -Mainha, “tô” aqui ó. Com a cara mais lavada e arrependida, fui atração da noite e atração de um olhar de raiva sobre mim pela minha querida mamãe.

Como terminou? Não sei, não sei se apanhei ou não, depois desse momento só lembro da minha mãe atrás de mim querendo me bater, eu correndo pra não apanhar e minha Vó brigando com minha mãe pra ela não bater em mim. Hoje quando lembramos damos risadas dessa noite, nunca mais eu aprontei uma dessas e estou viva pela defesa da minha mãezinha (Avó).

ANEXO N – REDAÇÃO 14

Ano passado no início das aulas, eu estava indo para a escola na chuva, e alagou todas as ruas, e n tinha onde passar, então fui dentro das poças de água só que tirei os tênis pra n molhar, quando eu tava quase chegando na escola, um carro passou numa poça enorme e jogou toda a água em mim, me deixando ensopada e suja, chegando na escola, dentro da sala descalça, eu vi que tinha gente com o estado pior do que eu, foi aí que agradei mesmo por n ser a única que passou essa vergonha.